

Criatividade e inovação terminológica¹

Margarita Correia

FLUL / ILTEC / AiT, Lisboa

mcf@iltec.pt

Resumo

É comumente aceite que unidades lexicais relevando de criatividade morfológica, tais como as unidades construídas com novos fractoconstituintes e com elementos recategorizados, bem como as amálgamas, são próprias da neologia estilística e, como tal, ocorrem com maior probabilidade em textos de cariz literário, humorístico ou publicitário. A ocorrência cada vez mais frequente de neologismos deste tipo em discursos especializados, por inesperada, leva a procurar compreender em que contextos eles ocorrem e a lançar a discussão sobre conceitos relacionados com a construção de palavras que, a meu ver, se encontram ainda insuficientemente tratados. Com este artigo, pretende-se contribuir para esta discussão, além de se argumentar em favor do funcionamento sistemático de observatórios de neologia.

0. Introdução

Durante décadas, a neologia científica do português caracterizou-se pela construção de unidades com recurso às regras disponíveis na língua, ou à reutilização de termos ou palavras com aquisição de novos significados e/ou referências, ou, ainda, à importação de termos. Os estudos em neologia científica centravam-se, assim, na construção de palavras por estes processos, havendo grande incidência de estudos sobre o fenómeno de importação.

Neste quadro, termos resultantes de ‘criatividade’ eram referidos apenas marginalmente nos estudos de neologia terminológica, porque a sua quantidade era pouco relevante, dado a criatividade ser própria, sobretudo, da neologia estilística e não da neologia denominativa, cujos produtos são aqueles que, com mais frequência, pertencem a

¹ Este trabalho constitui uma versão bastante modificada de uma comunicação inédita, por mim apresentada ao Colóquio Internacional *A neologia científica: balanço e perspectivas*, organizado pela União Latina, que teve lugar em Roma, em Novembro de 2004, no âmbito das actividades da Rede Panlatina de Terminologia (Realiter).

Agradeço a Mafalda Antunes a leitura atenta de versões prévias deste texto, bem como as valiosas correcções e sugestões. De qualquer forma, qualquer erro que possa nele subsistir é da minha inteira responsabilidade.

discursos especializados. Em consequência, processos como a construção de amálgamas, siglas, acrónimos e a aplicação de outros processos deformacionais, bem como a recategorização de elementos intervenientes na construção de palavras, raramente foram alvo de análise sistemática no âmbito da inovação terminológica. Também ao nível da descrição da neologia da língua corrente, estes processos têm sido tratados de forma marginal e discute-se mesmo se o seu tratamento deve ou não ser levado a cabo no âmbito dos estudos em morfologia construcional (cf. Lehrer 1996, Hohenhaus 1998, Bauer 2001).

A observação da actual neologia terminológica obriga, porém, a reequacionar a situação, levando-nos a repensar o peso que o recurso à criatividade tem efectivamente na criação de novos termos. Com efeito, em domínios como a Informática, o Multimédia ou o Comércio Electrónico, é cada vez mais frequente o recurso a termos relevando de criatividade.

São objectivos deste trabalho:

- i. Reflectir sobre a distinção entre produtividade e criatividade na construção de palavras;
- ii. Elencar tipos de produções que parecem resultar de processos criativos de inovação lexical;
- iii. Mostrar a necessidade de reflectir sobre estes processos, insuficientemente estudados;
- iv. Argumentar em favor da necessidade de criar postos de observação e estudo de neologia, funcionando de forma sistemática e continuada.

Este trabalho pretende contribuir para a discussão de conceitos, a meu ver, insuficientemente definidos (tais como, ‘produtividade’ e ‘criatividade’,² ‘analogia’, ‘pressão de paradigma’ – *paradigm pressure*, cf. Bauer 2001: 71-74 –, ‘reanálise’, ‘lexicalização’ ou ‘hapax’ – *nonce-formation*), afigurando-se como um ponto de partida para o estudo de alguns fenómenos neológicos detectados no português contemporâneo. Algumas das reflexões aqui propostas constituem uma primeira abordagem do tema, sujeita, portanto, a revisões e reformulações com base numa reflexão teórica mais

² A discussão destes conceitos está na ordem do dia. Destaquem-se, a este propósito a publicação, em 2001, da obra de L. Bauer inteiramente dedicada à produtividade morfológica e, em 2003, de um número da revista *Langue Française*, sob a coordenação de Georgette Dal, em 2003, também dedicado ao mesmo tema.

aprofundada e numa observação mais sistemática dos dados recolhidos no Observatório de Neologia do Português, em funcionamento no Instituto de Linguística Teórica e Computacional (cf. Correia, Mineiro, Antunes, Doria e Cabré 2004).

1. Contextualização

Os trabalhos de terminologia que abordam a questão da inovação centram, normalmente, a sua atenção nos produtos resultantes de processos regulares de formação de palavras (derivação e composição *stricto sensu*) e de inovação semântica, com particular incidência no recurso a metáforas, até porque estes processos são aqueles que mais frequentemente são utilizados na construção de vocabulários especializados, sendo, conseqüentemente, também aqueles que dão origem a um maior número de termos.

Em contrapartida, pouca investigação se tem, a meu ver, desenvolvido sobre outros processos, aqui referidos como resultantes de criatividade, sendo necessário desenvolver não apenas descrições desses processos, mas também alguma reflexão teórica que, por um lado, fundamente essas descrições e, por outro, permita compreender melhor o fenómeno da inovação terminológica em particular, mas também, de uma perspectiva mais ampla, o da inovação lexical.

Presentemente, observa-se cada vez mais na neologia terminológica a existência de produtos de processos deformacionais, na maioria das vezes por influência de produtos de outras línguas, parecendo estarem a ocorrer mudanças estruturais na morfologia do português (e das línguas românicas). Também se assiste, ainda que em muito menor escala, à recategorização de alguns intervenientes na construção de palavras, como por exemplo a recategorização de afixos em formantes portadores de significado lexical. Ora, importa, por um lado, equacionar a verdadeira dimensão destes fenómenos em termos de quantidade de produções (o que apenas será possível através da sua observação sistemática e prolongada no tempo), mas, por outro, entender verdadeiramente a natureza destes fenómenos, de modo a permitir enquadrá-los numa visão mais ampla dos fenómenos de construção de palavras.

2. Pressupostos de base

Antes de prosseguir, importa tornar explícitos alguns pressupostos de base que enformam a reflexão levada a cabo neste trabalho e que podem ser resumidos nos seguintes pontos:

- i. Os termos são unidades lexicais de facto e os mesmos processos presentes na construção de palavras da língua corrente podem ocorrer na construção de terminologias específicas.
- ii. Os termos são, por inerência, portadores de significado referencial e não apenas de significado discursivo. Dito de outro modo, os termos têm necessariamente a capacidade de constituírem denominações, isto é, de permitirem o estabelecimento de relações estáveis e codificadas entre um significante e uma categoria de entidades.
- iii. Embora, de acordo com a definição de Lyons 1977 apresentada em seguida, a criatividade esteja na origem de inovação semântica resultante de metáforas, neste trabalho, deter-me-ei apenas em processos que implicam marcas morfológicas.
- iv. Apesar de a maioria dos fenómenos analisados nesta comunicação ter na sua génese a importação de termos de estruturas idênticas, o facto de as unidades descritas serem analisáveis em português torna lícita a sua análise no âmbito da morfologia desta língua. De resto, é legítima a hipótese de serem construídas espontaneamente em português unidades que apresentem estruturas semelhantes às aqui analisadas.

3. Produtividade vs. criatividade

Entende-se por ‘produtividade’, no âmbito deste trabalho, a capacidade inerente ao próprio sistema linguístico que permite a construção de palavras por processos interiorizados (aplicados normalmente de modo inconsciente) e sistemáticos.

Por seu turno, entende-se por ‘criatividade’ a capacidade que o falante possui para alargar o sistema linguístico, de forma consciente, por meio de princípios de abstracção e comparação imprevisíveis, mas motivados, na linha do proposto por Lyons 1977, a

propósito do uso de metáforas.³ Esta definição vai, de resto, ao encontro das propostas por Bauer para ‘criatividade não-produtiva’ (*‘non-productive creativity’* – 2001: 64) e, sobretudo, por Dal para ‘criatividade’ (*‘créativité’* – 2003: 6).

Da definição de ‘produtividade’ apresentada anteriormente, decorre que a produtividade se manifesta através de processos regulares de construção de palavras, tais como a derivação afixal e a conversão, bem como da composição *stricto sensu*, incluindo-se nesta a composição com recurso a arqueoconstituintes ou composição morfológica e a lexicalização de sintagmas. Os produtos de processos produtivos fazem parte, normalmente, da neologia denominativa e da neologia de língua.

A criatividade manifesta-se, sobretudo, mas não exclusivamente, através do recurso a processos deformacionais de construção de palavras. Estes processos implicam frequentemente um atentado à integridade fonológica da unidade fonte, além de, normalmente, se encontrarem associados à construção de significados mais enunciativos do que propriamente referenciais (D. Corbin 1997). Os produtos de processos criativos são visíveis, normalmente, na neologia estilística, patente em discurso humorístico, publicitário, crónica política, ou na Literatura.

Um produto resultante de criatividade caracteriza-se geralmente por:

- i. Ser resultante da manipulação consciente do material morfológico, isto é, por resultar de processos deformacionais, ou da reanálise morfossemântica da estrutura de palavras construídas;
- ii. A sua interpretação ser dependente do contexto, isto é, apresentar, sobretudo, significado discursivo;
- iii. Ser um produto com poucas probabilidades de se fixar na língua, constituindo um hapax (*nonce-formation*);
- iv. Os processos que lhe dão origem não serem aplicáveis de forma sistemática;

³ Diz Lyons: «What is theoretically interesting about metaphor is that, although it cannot be brought within the scope of a deterministic system of generative rules and is normally discussed under the rubric of stylistics, rather than semantics (...), it is by no means restricted to what is often thought of as the more poetic use of language. If a distinction is drawn between productivity (a design-feature of the language-system (...)) and creativity (the language-user’s ability to extend the system by means of motivated, but unpredictable, principles of abstraction and comparison), we can draw a corresponding distinction, with respect to both the production and the interpretation of language-utterances, between rules and strategies.» (Lyons 1977: 548-549) – sublinhados meus.

- v. Não ser consensual o facto de os processos que lhes dão origem serem processos regulares.⁴

As características i., iv. e v. surgem inegavelmente associadas aos exemplos apresentados em 4. Porém, além destas, estes exemplos apresentam significado referencial (o que lhes permite serem interpretados independentemente do contexto) e são unidades que têm grande probabilidade de se fixarem na língua, precisamente pelo facto de constituírem termos científicos e/ou técnicos.

4. Processos relevando de criatividade detectados na neologia terminológica portuguesa

Em seguida apresentar-se-ão exemplos de produtos de criatividade atestados em discursos especializados.

4.1. Aparecimento de novos fractoconstituintes

Entende-se por ‘fractoconstituintes’, na linha de D. Corbin (a publicar), unidades infralexicais com significado referencial, resultantes da truncação de outras unidades lexicais, geralmente elas próprias construídas, que adquirem o significado das unidades-fonte de onde provêm. Muitas vezes, os fractoconstituintes são homónimos de arqueoconstituintes que estiveram na origem das suas unidades-fonte (ex.: *tele*⁻², resultante da truncação de *televisão* é homónimo de *tele*⁻¹, arqueoconstituinte grego, significando <a distância>), mas nem sempre tal acontece (ex.: *heli*-, resultante da truncação de *helicóptero*, cuja estrutura é [[*helic*(o)] + [*pter*]]. São exemplos de fractoconstituintes unidades como *euro*- (de *européu*), *narco*- (de *narcótico*), ou *petro*- (de *petróleo*).

Mas os fractoconstituintes não ocorrem apenas à esquerda do composto em cuja construção intervêm. Note-se o caso da Química, em que o fractoconstituinte *-ose*, resultante da truncação de *glicose*, intervém na construção de nomes de glúcidos (*celulose*, *sacarose*, *frutose*, *dextrose*).

⁴ A caracterização proposta segue de perto as propostas de Hohenhaus 1998.

Na neologia de especialidade contemporânea, é de destacar o aparecimento dos fractoconstituintes *ciber-* (de *cibernética*, patente em *cibercomércio*, *ciberconsumidor*, *cibercorreio*, *ciberempresa*, *ciberespaço*, *cibermensagem*, *cibermercado* ou *cibernegócio*)⁵ e *info-* (de *informática*, patente em unidades como *infoalfabetização*, *infoanalfabetos*, *info-excluídos*, *infoexclusão*, *infoaliteracia*, *infopobres* ou *info-ricos*).

Os fractoconstituintes, à semelhança dos arqueoconstituintes, caracterizam-se por apresentarem, normalmente, uma estrutura bissilábica, provavelmente por ser esta a substância fónica mínima que lhes permite suportar um significado de tipo referencial. No entanto, aparecem actualmente, por influência de construções originalmente em língua inglesa, elementos resultantes de truncação radical das formas-fonte, sendo constituídos por apenas um segmento fonológico. É o caso do fractoconstituinte *e-*, presente em termos ingleses como *e-commerce*, mas também nos seus decalques portugueses como *e-comércio* ou *comércio-e*, *e-empresa*, dando origem a todo um paradigma de novas construções apelidadas 'e-termos' (cf. Antunes, Gonçalves & Correia 2003).

Se fractoconstituintes convencionais convidam já a alguma reflexão teórica sobre a sua origem e efectivo funcionamento (Cf. Corbin 1997 e Vallès (1995)2002, por exemplo), estes novos fractoconstituintes lançam novos desafios quer aos morfologistas, quer aos lexicólogos.

4.2. Construção de amálgamas

Entende-se por 'amálgama' o processo pelo qual se constrói uma unidade lexical pela aglutinação de partes de outras unidades; também se chama 'amálgama' ao produto desse processo. O processo de construção de amálgamas não é muito frequentemente usado na construção de palavras em português europeu, ocorrendo, sobretudo, em nomes de firmas ou de produtos e, ainda, em registos familiares e/ou humorísticos.

⁵ Estes termos em *ciber-* fazem parte da nomenclatura do *Dicionário de Termos do Comércio Electrónico*, realizado no âmbito a Associação de Informação terminológica (AiT) e em breve disponível em www.ait.pt. Consulte-se também, em Leal 2004b, a longa lista de termos construídos com *ciber-* propostos para uso sistemático no âmbito dos Serviços de Tradução da Comissão Europeia, como forma de obviar ao uso do fractoconstituinte *e-*.

Um tanto inesperadamente, portanto, são atestadas amálgamas em alguns vocabulários de especialidade, resultantes aparentemente da adaptação de amálgamas de língua inglesa ou mesmo francesa. É o caso de:

- *estagflação* [*estag(nação) + (in)flação*] – recenseado no domínio da Economia (cf. Antunes, Correia & Gonçalves (2002)2004) e já registado em dois dicionários gerais de língua,⁶ apresentando um encontro consonântico provavelmente inédito em português (“gfl”);⁷

- *webgrafia* / *webografia* [*web + -o- + (biblio)grafia*] e *webliografia* [*web + (bi)bliografia*] – todas as formas recenseadas em trabalhos de índole académica, para denominar a lista de endereços URL, onde foram encontradas informações relevantes para a realização do trabalho em causa;

- *blog* [(we)b + log], apresentando já elevados índices de integração na língua portuguesa, encontrando-se a unidade já adaptada ortograficamente (*blogue*) e exibindo, mesmo, os derivados *blogueiro* (Adj/N) e *bloguista* (Adj/N);⁸

- *consumactor* [*consum(o) + actor*] – proposta de decalque do termo francês *consommacteur*, recenseado no domínio da Geografia Humana.⁹

Em relação à forma *webgrafia*, importa notar a existência de um encontro consonântico raro em português (“bgr”),¹⁰ pelo que as regras de construção deste tipo de unidades imporiam o recurso a uma vogal de ligação, própria da composição morfológica em português e nas línguas românicas, como acontece com a forma *webografia*.

Sendo certo e assumido que as amálgamas aqui apresentadas são resultantes da adaptação de termos construídos originariamente em inglês e francês, também é certo, no entanto, que, dada a transparência que estas amálgamas assumem para o falante de língua

⁶ s/a 2004. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 1 vol. Porto: Porto Editora e em Houaiss e Salles 2002-2003. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 6 vols. Lisboa: Círculo de Leitores.

⁷ Uma rápida consulta à base de dados morfológicos Mordebe (disponível em www.iltec.pt/mordebe) permite verificar que apenas esta palavra apresenta esta sequência consonântica.

⁸ Formas já registadas em s/a 2004. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 1 vol. Porto: Porto Editora.

⁹ Agradeço a Herculano Cachinho, do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ter-me facultado este exemplo.

¹⁰ Uma consulta à base Mordebe permite verificar que apenas as formas *sobgrave*, *subgrave* e *subgrupo*, todas derivadas por prefixação, apresentam esta sequência consonântica.

portuguesa e até a independência do contexto com que são interpretadas, não é de descartar que este mecanismo possa vir a ter alguma relevância na construção de denominações em alguns domínios de especialidade.

4.3. Recategorização de afixos

Ainda que não seja exemplificativo de nenhum processo deformacional de construção de palavras, mas seja de uma natureza diferente, importa mencionar neste âmbito a recategorização de afixos como marca de criatividade na construção de unidades lexicais especializadas (cf. Corbin (a publicar) e Correia 1999).

Uma das características dos afixos derivacionais que permitem distingui-los de outros elementos não-autónomos de construção de palavras intervenientes em diversos tipos de composição é o facto de não serem portadores de significado referencial, mas apenas de significado gramatical ou relacional. A natureza do significado das unidades morfológicas é detectada através da paráfrase composicional das estruturas em que aparecem inseridas.

São já conhecidos os casos de recategorização de unidades infralexicais, por exemplo, na linguagem da Medicina, onde os sufixos de origem grega *-ite* e *-ose* assumiram significado referencial, tendo-se tornado verdadeiros elementos de composição, significando os termos em que intervêm, respectivamente, <doença de natureza inflamatória> e <doença de natureza não inflamatória> (*otite, laringite, gastrite; necrose, tuberculose, trombose*).

Também em linguagens de especialidade actuais ocorrem fenómenos deste tipo. Oriundo da terminologia da indústria vidreira, o termo *vidrão*, que se vulgarizou e aparece já registado nos dicionários gerais de língua, denomina os depósitos metálicos destinados à recolha de objectos de vidro inutilizados ou fora de uso, para reciclagem – cf. Santos 2003. Por analogia, construiu-se todo um paradigma de unidades parafraseáveis por “recipiente de recolha de N para reciclagem”, tais como: *papelão* (< *papel*), *metalão* (< *metal*), *pilhão* (< *pilha*).

5. Posicionamento do problema

Como foi já referido anteriormente, é sabido que a maioria dos produtos de criatividade atrás apresentados surge na neologia terminológica por influência de importações, sobretudo da língua inglesa. Porém, o seu aparecimento em estruturas já adaptadas ao português, perfeitamente analisáveis nesta língua e a possibilidade de virem a ser construídas espontaneamente nesta língua unidades de estruturas idênticas, tornam necessário encontrar respostas às seguintes questões:

- A que níveis de especialização do discurso ocorrem estas unidades: em discursos de alto índice de especialização do mesmo modo que em discursos de vulgarização científica?
- Que impacto têm estas unidades nos léxicos (vocabulários da língua corrente e vocabulários especializados), ao nível do número de unidades produzidas?
- Que impacto têm ao nível do sistema morfológico das línguas que as acolhem?
- Qual o grau de sistematicidade que estes processos de construção de unidades apresentam?
- Qual o índice de regularidade destes processos?
- A haver regras envolvidas na construção destes produtos, serão idênticas para o inglês e para as línguas românicas?
- Onde ficam as fronteiras entre a criatividade e a produtividade?
- Estarão os sistemas morfológicos das línguas românicas a mudar?

6. Em jeito de conclusão

Os problemas apresentados ao longo deste trabalho e enunciados nas questões anteriores, exigem, a meu ver, da parte dos especialistas, a tomada de uma série de medidas que podem ser entendidas como o esboço de um plano de trabalho. É necessário, pois:

- i. Recensar de forma sistemática os produtos resultantes dos processos anteriormente descritos e de outros do mesmo tipo que venham a ser detectados;
- ii. Recensar também e descrever novos fractoconstituintes e novos afixos recategorizados;

- iii. Compreender mais profundamente a construção de unidades com fractoconstituintes e com afixos recategorizados;
- iv. Verificar sistematicidades (de natureza morfofonológica, por exemplo), na construção de amálgamas.
- v. Estudar a natureza e o impacto no sistema das línguas românicas da criação de *e*-termos.
- vi. Classificar estes elementos no âmbito do sistema morfológico das línguas românicas.
- vii. Descrever a recategorização de unidades infralexicais.
- viii. Promover reflexão teórica sobre estas questões.
- ix. Reposicionar / re-equacionar os conceitos de produtividade e de criatividade.
- x. Quantificar a verdadeira dimensão da criatividade ao serviço da neologia de língua corrente e da neologia terminológica.

A realização de todas as tarefas atrás enunciadas justifica a existência de observatórios de neologia dotados de massa crítica que lhes permitam não apenas o mero registo dos neologismos, de língua corrente e terminológicos, como também a promoção da reflexão teórica necessária à compreensão destes fenómenos.

Além do inegável contributo que o funcionamento efectivo dos observatórios de neologia podem dar à produção lexicográfica, é claro que apenas com o funcionamento efectivo de observatórios de neologia com as características descritas será possível ter um pleno conhecimento da mudança morfológica e lexical em curso no âmbito da língua portuguesa e das línguas românicas e do verdadeiro impacto da entrada maciça de termos de língua inglesa nestas línguas.

Bibliografia

Antunes, M. & S. Correia 2003. Semantic nets in the Net. *In*: E. Hajicová, A. Kotesovcová & J. Mírovský (eds.): *Proceedings of CIL17*, CD-ROM. Maftyzpress, MFF UK. Prague.

- Antunes, M., R. Gonçalves & S. Correia 2003. E-Termos: descrição e hipótese de classificação. *In: Actas do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 121-130.
- Antunes, M., M. Correia & R. Gonçalves (2002)2004. Neologismos terminológicos na área da Economia: processos mais frequentes em português europeu. *In: Actas RITerm 1988-2002*. CD-Rom. Paris: RITerm.
- Bauer, L. 1983. *English Word-Formation*. Cambridge : Cambridge University Press.
- Bauer, L. 2001. *Morphological Productivity*. Cambridge : Cambridge University Press.
- Cabré, M. T., J. Freixa & E. Solé 1997. A la limite des mots construits possibles. *In: Corbin, D., B. Fradin, F. Kerleroux, B. Habert & M. Plénat (eds.). Silexicales*, n.º 1 (Mots possibles et mots existants). Villeneuve d'Ascq : SILEX, 65-78.
- Corbin, D. 1987. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. 2 vols. Tubinga : Max Niemeyer Verlag.
- Corbin, D. 1997. La représentation d'une « famille de mots » dans le *Dictionnaire dérivationnel du français* et ses corrélats théoriques, méthodologiques et descriptifs. *In : Recherches linguistiques de Vincennes*, 26, 5-37 + errata.
- Corbin, D. (a publicar). *Le lexique construit. Méthodologie d'analyse*.
- Correia, M. 1989. *Euro-*: um novo prefixo do português (inédito; disponível em www.iltec.pt).
- Correia, M. 1998. Neologia e Terminologia. *In: Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 59-74.
- Correia, M. 1999. *A denominação das qualidades: contributo para a compreensão da estrutura do léxico português*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Dal, G. 2003. Productivité morphologique : définitions et questions connexes. *In : Langue Française* 140, 3-23.
- Fradin, B. 1997. Les mots-valises: une forme productive d'existants impossibles? *In: Corbin, D., B. Fradin, F. Kerleroux, B. Habert & M. Plénat (eds.). Silexicales*, n.º 1 (Mots possibles et mots existants). Villeneuve d'Ascq : SILEX, 101-110.

- Hohenhaus, P. 1998. Non-lexicability. As a characteristic feature of nonce-word-formation in English and German. *In: Lexicology – An international journal on the structure of vocabulary*, n.º 2.98, 237-280.
- Kortas, J. 2001. Créativité lexicale du «nouveau polonais». *In: Cahiers de Lexicologie*, n.º 79, 71-83.
- Leal, M. 2004a. Ciberneologia – 1.ª parte. *In: a folha*, n.º 16. Publicação digital disponível em <http://ec.europa.eu/comm/translation/bulletins/folha/folha16.pdf>, 2-4.
- Leal, M. 2004b. Ciberneologia – 2.ª parte. *In: a folha*, n.º 17. Publicação digital. disponível em <http://ec.europa.eu/comm/translation/bulletins/folha/folha17.pdf>, 7-9.
- Lehrer, A. 1996. Why neologisms are important to study. *In: Lexicology – An international journal on the structure of vocabulary*, Vol. 2, n.º 1.96, 63-73.
- Lyons, J. 1977. *Semantics 2*. Cambridge : CUP.
- Plénat, M. 2000. Quelques thèmes de recherche actuels en morphophonologie française. *In : Cahiers de Lexicologie*, n.º 77, 27-62.
- Rodríguez González, F. 1996. Functions of anglicisms in contemporary Spanish. *In: Cahiers de Lexicologie*, n.º 68, 107-128.
- Sabrayrolles, J.-Fr. 1996. Néologisme et nouveauté(s). *In: Cahiers de Lexicologie*, n.º 69, 5-42.
- Sablayrolles, J.-Fr. 2000. Lexique et processus. *In : Cahiers de Lexicologie*, n. 77, 5-26.
- Santos, N. L. F. 2003. *A terminologia do vidro e do cristal : contributos para a sua descrição*. 2 vols. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Vallès, T. (1995) 2002. Anàlisi cognitiva del prefixo *euro-*. *In: Cabré, M. T., J. Freixa & E. Solé (eds.). Lexic i neologia*. Barcelona: IULA, 115-120.